



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO DE 2018

1. MERCADO NACIONAL

1.1 FEIJÃO COMUM

A fraca demanda, aliada ao estoque remanescente, na maior parte de mercadoria de fraca qualidade deixou, neste primeiro trimestre de 2018, certa fragilidade no mercado. Provavelmente, à medida em que essa mercadoria for consumida a tendência será de valorização nos preços, tendo em vista o fraco desempenho da 1ª safra no Sul do país, em função do excesso de chuvas na fase de colheita, e escassez na Região Nordeste, durante o ciclo das lavouras.

Nos estados do Paraná e Santa Catarina, de acordo com pesquisa realizada pela Conab, no período de 18 a 24 de fevereiro/18, apontam que as quebras na produtividade foram de, respectivamente, 20,1% e 11,9%, em relação à safra anterior, o que representa uma redução de 39,1 mil toneladas. Já na Bahia, a insuficiência hídrica limitou o plantio e prejudicou o desenvolvimento das plantas, ocasionando uma redução de 41,2% na produtividade, e uma produção de 78,2 mil toneladas, ou seja, menor em 26,8 mil toneladas à registrada na safra anterior.

É importante mencionar que parte da produção proveniente da Bahia é destinada ao abastecimento de outros estados nordestinos. Contudo, em função da quebra acima mencionada, muitos compradores se deslocaram para buscar mercadorias na Região Centro-Sul do País, onde a oferta vem diminuindo consideravelmente, com a finalização da safra das águas.

A transferência do produto entre as regiões acaba onerando significativamente a mercadoria, principalmente pelo elevado custo do transporte, poderá contribuir para o aquecimento dos preços até a entrada da safra nordestina, prevista para o mês de maio.

Diante da situação em questão, a expectativa de que em março com o retorno das férias escolares os preços subissem, acabou não se confirmando. No entanto, apesar da 1ª safra se encontrar no final, ainda é razoável a quantidade de mercadoria a ser comercializada. Boa parte que é oriunda dos estados do Paraná e de São Paulo, é de baixa qualidade.

O mercado está na expectativa da oferta proveniente da 2ª safra, cujo plantio foi concluído em março. As lavouras se encontram em todos os estágios, predominando as fases de desenvolvimento vegetativo e floração. No Paraná, principal estado produtor, a pesquisa realizada pela Conab aponta para um plantio menor em 25,1%, em relação à safra anterior, em razão dos baixos preços de comercialização. A colheita se encontra prestes a iniciar, devendo se concentrar em maio, onde se espera um volume de produção 19,4% abaixo do registrado em 2017.

Nota-se que o varejo é o principal elo da cadeia produtiva do feijão, que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços, verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando, de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.

Os produtores irrigantes, que se preparam para o plantio da safra de inverno (3ª safra), acompanham atentamente o comportamento do mercado. Se prevalecer esta tendência, muitos poderão migrar para o plantio de outras culturas, podendo comprometer o quadro de oferta.



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO DE 2018

No entanto, a colheita da 2ª safra, na Região Centro-Sul do país ocorrerá a partir de abril, se concentrando nos meses de maio e junho. Até lá o país passará por um período com poucas ofertas.

Em parte, o setor produtivo será beneficiado com a estimativa de redução de aproximadamente 8% na produção da safra 2ª safra, na Região Centro-Sul do país, em comparação aos números

registrados em 2017. Nas zonas de produção os valores dos produtos comercial nota 8,0 ao extra nota 9,5, estão cotados entre R\$ 95,00 e R\$ 120,00 a saca. Já o comercial nota 7,5 está em torno do mínimo oficial, e o grão mais escuro, com a qualidade comprometida, e de safras remanescentes, em R\$ 70,00, e praticamente sem demanda.

1.2 FEIJÃO PRETO

No mercado atacadista de São Paulo, em que pese à valorização do dólar, os preços recuaram devido à fraca demanda e à má qualidade do produto ofertado.

A 2ª safra está concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio. Doravante, o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que deve concluir o seu plantio neste mês de março.

Do volume a ser produzido naquele país, cerca de 70% da produção de feijão comum preto são destinados ao Brasil.

O Sétimo Levantamento para Acompanhamento da safra 2017/2018, divulgado no dia 10/04/18, pela Conab, registra, para a 2ª safra, queda de 2,1% na área a ser cultivada na Região Centro-Sul do País. A produção, por sua vez, apresenta um volume ligeiramente superior ao colhido em 2017.

QUADRO 1 – FEIJÃO 1ª SAFRA – COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO – SAFRAS 2016/17 E 2017/18

Região/UF	Área (em mil ha)			Produtividade (em kg/ha)			Produção (em mil t)		
	Safra 16/17 (a)	Safra 17/18 (b)	VAR % (b/a)	Safra 16/17 (c)	Safra 17/18 (d)	VAR % (d/c)	Safra 16/17 (e)	Safra 17/18 (f)	VAR % (e/f)
Norte	32,2	26,1	(18,9)	956	818	(14,5)	30,7	21,4	(30,3)
TO	2,1	0,6	(71,9)	1.312	1.027	(21,7)	2,8	0,6	(78,6)
Nordeste	32,1	46,4	44,5	414	669	61,7	13,3	31,0	133,1
CE	2,8	4,0	42,6	565	530	(6,2)	1,6	2,1	31,3
PB	25,7	27,0	5,0	447	400	(10,5)	11,5	10,8	(6,1)
PE	3,6	5,4	50,0	62	360	480,6	0,2	1,9	850,0
BA	-	10,0	-	-	1.620	-	-	16,2	-
Centro-Oeste	73,2	71,4	(2,5)	1.769	1.752	(1,0)	129,6	125,0	(3,5)
MT	28,4	25,9	(8,8)	1.831	1.847	0,9	52,0	47,8	(8,1)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.700	-	42,5	44,2	4,0
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
Sudeste	128,6	122,4	(4,8)	1.401	1.407	0,4	180,1	172,2	(4,4)
MG	110,3	105,7	(4,2)	1.354	1.366	0,9	149,3	144,4	(3,3)
SP	14,7	13,1	(10,9)	1.815	1.820	0,3	26,7	23,8	(10,9)
Sul	164,2	123,3	(24,9)	1.352	1.572	16,2	222,1	193,8	(12,7)
PR	160,4	119,5	(25,5)	1.344	1.566	16,5	215,6	187,1	(13,2)
SC	3,8	3,8	-	1.700	1.751	3,0	6,5	6,7	3,1
Norte/Nordeste	64,3	72,5	12,8	685	723	5,5	44,0	52,4	19,1
Centro-Sul	366,0	317,1	(13,4)	1.453	1.549	6,6	531,8	491,0	(7,7)
Brasil	430,3	389,6	(9,5)	1.338	1.395	4,2	575,8	543,4	(5,6)

Fonte: Conab - Nota: Estimativa e março/2018.

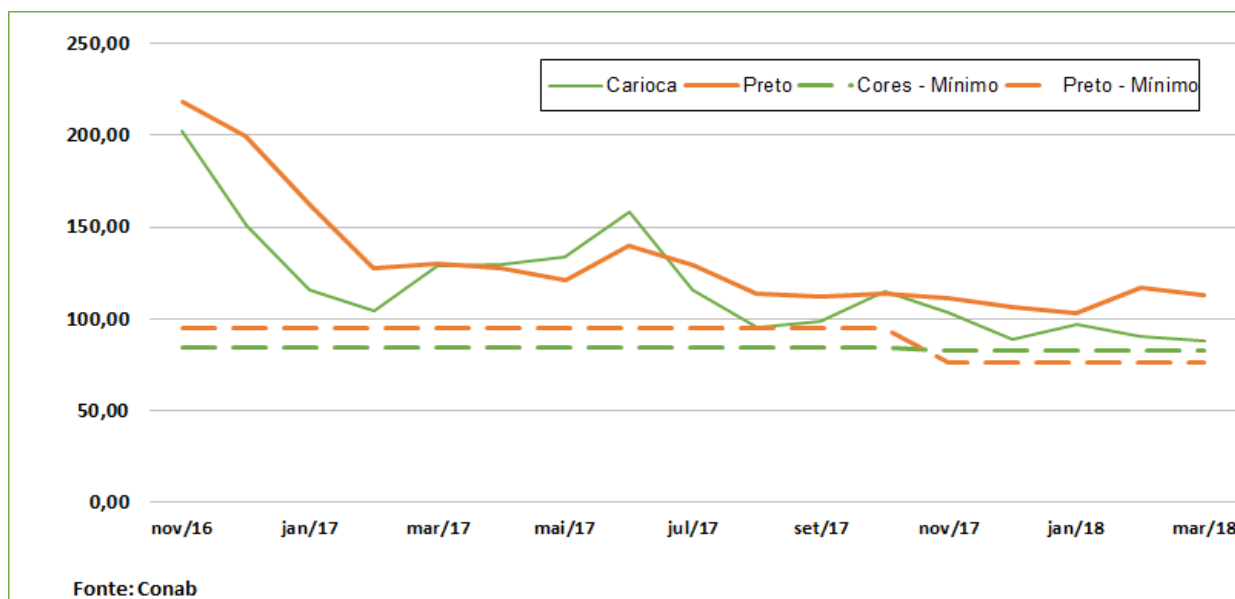


Análise MENSAL

Feijão

MARÇO DE 2018

GRÁFICO 1 – PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO PARANÁ – R\$/60 KG



Fonte: Conab

1.3 VAREJO

O varejo é o principal elo da cadeia produtiva que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas

necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.

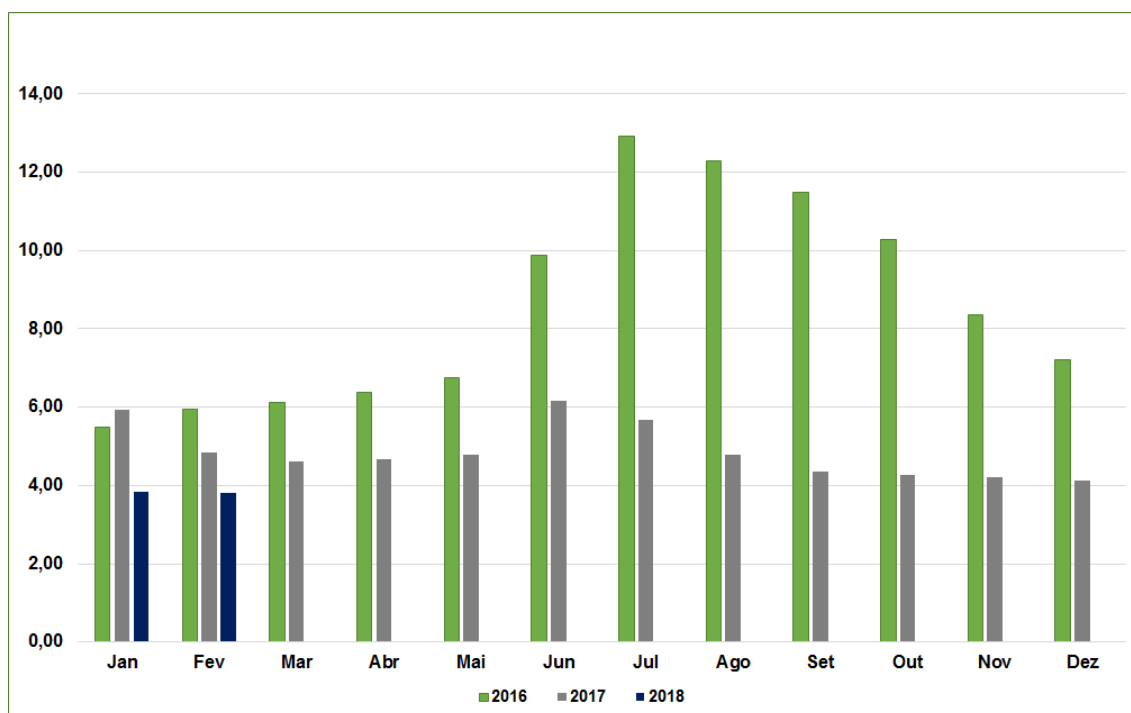
GRÁFICO 2 – VAREJO – PREÇOS DO FEIJÃO CARIOCA EM SÃO PAULO – R\$/KG



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO DE 2018



Fonte: Dieese

1.4 SUPRIMENTO

O consumo nacional tem variado nos anos de 2010 a 2015, entre 3,3 e 3,6 milhões de toneladas, recuando para 2,8 milhões de toneladas em 2016, o menor registrado na história, em função do elevado aumento dos preços provocado pela retração da área plantada e principalmente pelas condições climáticas adversas. No trabalho em curso, optou-se por um consumo de 3,3 milhões de toneladas, ou seja, o mesmo registrado na temporada anterior.

Desta forma prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, a estimativa da Conab chega em uma

produção média de 3.37 milhões de toneladas, o que representa uma variação negativa de 0,9% em relação à temporada 2016/2017.

Partindo-se do estoque inicial de 310,5 mil toneladas, o consumo de 3.3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 125,0 mil toneladas, resultará em um estoque de passagem da ordem de 375,0 mil toneladas, o que corresponde a pouco mais que 1 (um) mês de consumo.

QUADRO 2 – SUPRIMENTO DE FEIJÃO - EM MIL TONELADAS



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO DE 2018

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	150,0	3.735,5	3.300,0	125,0	310,5
2017/18(*)	310,5	3.369,5	120,0	3.800,0	3.300,0	125,0	375,0

Fonte: Conab/Secex

(*) Dados estimados em março de 2018

1.5 RENTABILIDADE

O mercado de feijão é dinâmico e por esse motivo apresenta uma expressiva oscilação de preços: ora positivas, ora negativas, atribuídas basicamente a fatores climáticos. Em algumas situações, como verificado no decorrer da primeira safra desta temporada 2017/2018, mesmo com uma produção menor e ainda agravada pelas precipitações pluviométricas em excesso no mês de janeiro, em plena concentração da colheita, os preços não reagiram, muito pelo contrário, estão em baixa.

A falta de interesse de compras surpreendeu o mercado, e muitos produtores tiveram boa parte da sua produção frustrada e/ou comercializada a preços abaixo dos custos de produção, em virtude da má qualidade do grão.

No Paraná, o plantio da 3ª safra é inexpressivo, limitando a algumas áreas de alto risco cultivadas no norte do estado, já a 2a safra configura-se hoje como a maior. Em Ponta Grossa, maior produtor de feijão do Estado, o custo médio de produção estimado pela Conab em novembro/17 é de R\$ 2.167,80 por hectare. Considerando

uma produtividade média por hectare de 2.000 kg, comercializadas ao preço médio de janeiro estimado em R\$ 90,66/saca, chega-se a uma receita bruta de R\$ 3.008,67. Nessa safra, os preços no referido estado foram comercializados, pelos produtores, entre R\$ 75,00 e 115,00 s saca, o que representa prejuízos para quem comercializou mercadorias no limite inferior, ou seja aquelas que apresentaram mais defeitos e, por outro lado, uma receita entre R\$ 280,20 e R\$ 1.113,53, para as mercadorias extranovas, de melhor qualidade.

Como exercido, para os meses de abril e maio, trabalha-se com uma recuperação dos preços ao produtor, com o produto girando nos meses acima mencionados, com valores iguais ou acima de R\$ 120,00/60 kg. Caso se concretize, o agricultor terá em relação ao custo variável de produção uma rentabilidade positiva de, pelo menos, R\$ 1.280,20/ha ou R\$ 38,44 por saca

QUADRO 7 – ANÁLISE DE RENTABILIDADE FEIJÃO 1ª SAFRA EM R\$/HÁ – PONTA GROSSA (PR) – BASEADO NO CUSTO DE PRODUÇÃO DE NOV/2018.



Análise MENSAL

Feijão

MARÇO DE 2018

Preço (R\$/60kg)	90,26
Produtividade do pacote (kg/ha)	2.000
Análise financeira	
A - Receita bruta (I*II)	3.008,67
B – Despesas:	
B1 – Despesas de custeio (DC)	2.342,12
B2 – Custos variáveis (CV)	2.719,80
B3 – Custo operacional (CO)	3.068,16
a) – Margem bruta s/ DC (A - B1)	666,55
b) – Margem bruta s/ CV (A - B2)	288,87
c) – Margem líquida s/ CO (A - B4)	-59,49
Indicadores	
Receita sobre o Custeio (A / B1)	1,28
Receita sobre o Custo Variável (A / B2)	1,11
Receita sobre o Custo Operacional (A / B3)	0,98
Margem bruta (DC) / Receita (a / A)	22,15%
Margem bruta (CV) / Receita (b / A)	9,60%
Margem líquida (CO) / Receita (c / A)	-1,98%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

1.6 TENDÊNCIAS DO MERCADO BRASILEIRO

FATORES DE ALTA	FATORES DE BAIXA
Menor produção nas duas primeiras safras em relação a temporada anterior.	Aumento da oferta da 2ª safra a partir do mês de abril.
	Má qualidade do grão.
	Queda no consumo.
Expectativa: Preços com tendência de alta.	

2. DESTAQUE DO ANALISTA

O varejo é o principal elo da cadeia produtiva que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado. Mas se o consumo não der sinais de recuperação, a expectativa é de preços mais baixos que os atualmente praticados no mercado.